

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**O QUE QUERO VER**  
**16 de Setembro de 2022**

**MILLA / 2017**  
**(Milla)**

*Um filme de Valérie Massadian*

Realização: Valérie Massadian / Argumento: Valérie Massadian, com a colaboração de Geoffroy Grison / Direcção de Fotografia: Robin Fresson e Mel Massadian / Direcção Artística: Axelle Le Dauphin / Som: Aline Huber / Montagem: Valérie Massadian / Interpretação: Severine Jonckheere (Milla), Luc Chessel (Leo), Ethan Jonckheere (Ethan), Valérie Massadian, Elisabeth Cabart, etc.

Produção: Cinemadefacto – Gaijin - Terratreme / Produtora: Sophie Erbs / Cópia digital, colorida, falada em francês com legendas em português / Duração: 125 minutos / Estreia em Portugal: Ideal e Trindade, a 30 de Agosto de 2018.

\*\*\*

**Milla** sucedeu a **Nana**, primeira longa-metragem de Valérie Massadian estreada no princípio da década de 2010. Não há coincidência nenhuma na espécie de rima dos dois títulos, porque ambos designam as protagonistas femininas de ambos os filmes. E se **Milla** não é uma “sequela” (no sentido industrial do termo) de **Nana**, é uma sequência perfeita e deliberada. **Nana** era um filme sobre a infância, ou mais precisamente (porque não havia “sociologia” nenhuma) um filme sobre uma criança a aprender a relacionar-se, muito fisicamente, com o mundo, as coisas do mundo, os espaços do mundo. **Milla** salta uns anos até ao fim da adolescência, e se volta, de certa forma, a ser um filme sobre uma aprendizagem – e completamente centrado na sua protagonista – tem outro modo de funcionamento, a caracterização social e psicológica têm outro peso, mesmo se a caracterização vem subtilmente, e sempre ou quase sempre dada pela “acção” (o filme tem, de resto, muito poucos diálogos, sem que se possa dizer ao mesmo tempo que se trata de um filme silencioso)

O plano inicial é primoroso, **Milla** e o namorado **Leo** abraçados num ambiente visual cheio de “flou” e cores mitigadas, num enquadramento composto com todo o cuidado pictórico. É “irreal”, de certa maneira, mas rapidamente a “realidade” aparece como a chave daquele enquadramento: o “flou” era, simplesmente, produzido pelos vidros embaciados do automóvel onde a câmara de Massadian foi encontrar os protagonistas. Não vivem, portanto, num “sonho”, bem pelo contrário. Sem que o filme elucide muito sobre a biografia dos protagonistas, as cenas seguintes (e que são quase sempre dadas em planos longos, rigorosamente compostos) mostram um dia a dia marcado pela penúria económica (contam os tostões para uma “baguete”, e etc) mas também pelo que parece ser um amor genuinamente feliz. Filmando o par nos seus espaços íntimos – onde a penúria não é impedimento para uma espécie de festa, de festa visual, dada pela distribuição das cores ou pelas entradas da luz – e de vez em quando nos exteriores, **Milla** cria um ambiente de alegre isolamento, como se aquelas duas personagens (por quem paira, sem ser assinalada “cinefilicamente”, uma leve aura de amantes “rebeldes”,

refugiados do mundo, de Nick Ray às “badlands” de Malick) vivessem, de facto, num mundo criado exclusivamente por eles e para eles.

É como que uma “infância do amor”, uma inocência nada “naif”, num retrato que toma praticamente a primeira parte do filme. Numa sequência magistralmente elíptica, Leo desaparece, Milla fica sozinha, e passa-se a uma outra etapa. É a segunda parte do filme, uma parte muito mais solitária, em que a rebeldia toma o lugar de um compromisso – Milla tem que se empregar, ter um rendimento, e as cenas no hotel onde passa a trabalhar como empregada de limpeza são soberbas, até como espelho distorcido do que víamos na primeira parte (a alegre desordem da casa dá lugar à elegância asséptica dos quartos do hotel, e mesmo as manchas de cor, que continuam a pontuar um bom número de planos, são agora a expressão de uma frieza, os azuis e os esverdeados em vez dos vermelhos). Vai ficando mais “adulta”, mas conservando explosões da “criança” que ainda não deixou de ser – a cena em que aparece a própria realizadora num papel episódico está lá, também, para o manifestar.

Não é propriamente alegre, a despedida do estado “selvagem”, a chegada às responsabilidades da vida adulta. Mas não é necessariamente uma infelicidade. E o final do filme chega com o optimismo de uma promessa de alegria, nada eufórica mas genuínas. O bebé de Milla nasce, e de maneira muito calma consuma-se a passagem: definitivamente, vemos nela uma mulher adulta. E volta a formar um par.

Luís Miguel Oliveira